

## OKTOBERFEST: MEGAEVENTO A SERVIÇO DO CAPITAL

**Rubens Vinícius da Silva**

---

Licenciado em Ciências Sociais pela  
FURB – Universidade Regional de  
Blumenau.

---

Início do mês de outubro em Blumenau, a maior cidade do Vale do Itajaí. Este último, uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina, é conhecido pelo nome curioso de “Vale Europeu”. Pois bem, no referido mês do ano o clima de festividade é geral: ruas decoradas, hotéis e comerciantes com expectativas de aumento nos lucros, bandinhas alemãs a tocar pelo centro e regiões próximas. Nesta época, parece que todos os problemas e situações concretas vividas no cotidiano são apagados em nome da tradição germânica da região, que é palco de várias festas com a temática alemã.

A *Oktober* (como é popularmente conhecida, sendo a maior e mais famosa das festas de outubro catarinenses) teve sua primeira edição no ano de 1984. Neste período, as populações do Vale (em especial os membros das classes desprivilegiadas) sofriam com aquelas que foram as mais terríveis enchentes até então, as quais deixaram diversas famílias desabrigadas: refiro-me às cheias de 1983/1984. Estes “desastres naturais” seguidos, somados à impossibilidade de uma resolução imediata por parte do estado e das classes privilegiadas, geraram enorme insatisfação na população trabalhadora local que, em meio às dificuldades, expressou solidariedade e em semanas reergueu a região dos escombros causados pela força das águas.

Visando conter tal descontentamento, entusiastas da cultura alemã tiveram a “feliz ideia” de organizar uma festa que, ao mesmo tempo, resgatasse a tradição germânica da região, canalizasse a insatisfação popular e de quebra atraísse investimentos (privados e estatais), garantindo o aumento do número de turistas e a maximização dos lucros das frações das classes dominantes locais.

Cabe recordar que tal cultura germânica se consolidou na região após décadas de massacre e posterior extinção das sociedades originárias que aqui viviam. As populações Xokleng-Laklãnõ, Carijó e Guarani foram paulatinamente dizimadas, tendo sido despojadas dos produtos e instrumentos de seu trabalho, cultura e a totalidade dos meios de produzir e reproduzir suas condições materiais de vida. Hermann Blumenau (patrono da cidade e região, que comprou terras leiloadas por D. Pedro II em 1850) contratou milícias particulares (os chamados ‘bugreiros’) e exigia que fossem feitos colares com as orelhas dos que eram capturados e/ou mortos. Numa carta enviada ao Governador da Província de Santa Catarina em 1856, Blumenau expõe sua perspectiva a respeito da necessidade de extermínio dos povos nativos da região:

(...) só uma medida grande e enérgica, uma desinfecção completa do terreno entre o Itajaí Grande e o Mirim [leitos do grande rio da região, o rio Itajaí-Açú – RVS], uma destruição e aprisionamento deste bando de rapinas pode restabelecer a tranquilidade e nos tirar deste estado lamentável. (apud NICOCELI BULL, 2014).

Blumenau e os demais imigrantes tinham uma noção bem definida dos povos originários: eles eram um entrave ao desenvolvimento capitalista na região. Por esta razão, deveriam ser destruídos e aprisionados. Para tanto, medidas enérgicas eram necessárias. Há que se recordar que as tribos não foram subjugadas sem resistência e luta. Contudo, armas de fogo e milicianos bem treinados com sede de terror e sangue eram muitos, e foram os algozes destas populações.

Voltando à festa, o resgate da cultura germânica contrasta com a realidade concreta do município: segundo o último censo do IBGE (2010) Blumenau é a cidade com mais favelas no estado de Santa Catarina. E a região do Vale é a que tem a maior concentração de áreas de pobreza (os chamados bolsões) de todo o estado. Gaspar,

cidade vizinha e que durante muito tempo foi colônia de Blumenau, é a cidade do estado com maior índice destas áreas. De acordo com o texto Blumenau, cidade das favelas, de autoria de Giovanni Ramos e veiculado no blog Controversas:

Segundo o Censo, em 2010 viviam em aglomerados subnormais (favelas e similares) de Blumenau, 23.131 pessoas. Mais do que Florianópolis (17.573) e Joinville (7.198). O Jornal A Notícia, de Joinville, fez um cálculo proporcional ao número de total de habitantes. Assim, a nossa cidade ficou em terceiro lugar, com 7,52% dos blumenauenses vivendo em favelas. Neste índice, perdemos para Laguna e Gaspar. A vizinha aparece na ponta, com 10% da população na pobreza “subnormal”. Para o Censo, Blumenau possui 17 aglomerados. São eles: Cidade Jardim I e II, Coripós, Lot. Sol Nascente Morro da Figueira, Morro do Laguna, Morro do Valério, Morro Dona Edith, Rua Araranguá, Rua Benjamin Franklin, Rua Gervásio João Sena, Rua Gustavo Zeck, Rua Pedro KraussSenior (Beco das Cabras), Toca da Onça, Vale do Selke, Vila Bromberg, Vila Jensen e Vila União. O maior conglomerado é o da Rua Araranguá, bairro Garcia, com 3.741 habitantes. Alguns loteamentos tratados por favelas na cidade, como a Vila Vitória no bairro Fortaleza, não foram citados na pesquisa (RAMOS, 2012).

Assim, temos o retrato do “Vale da Hipocrisia”. No mês de outubro há o reforço desta imagem falsa, a qual é veiculada pelos grandes meios de comunicação e reforça as representações do cotidiano, que dão conta de uma região harmoniosa, livre de conflitos e contradições, onde cada habitante é loiro e possui olhos azuis e podem-se ver a todos bebendo, felizes e contentes, como se vivêssemos num paraíso europeu longe do velho continente. Na realidade, o que se evidencia para quem vive na mesorregião, em especial nas últimas décadas, é o aumento da miséria e da exploração de trabalhadores migrantes e imigrantes, a violência estatal, o crescimento de frações do lumpemproletariado, os cortes em investimentos em saúde, educação: ou seja, nada de novo no front do neoliberalismo em países subordinados.

Com o passar dos anos (e o aumento dos lucros) a *Oktober* passou a ter todas as características de um megaevento: grandes investimentos de capital (privado e estatal; basta ver as lutas entre as cervejarias para disputar o título de cerveja oficial da festa, bem como nos gastos estatais relativos à “revitalização” dos pavilhões onde a festa é realizada), reforço da repressão (privada e estatal: efetivos gigantescos da PM e vigilâncias patrimoniais particulares são mobilizados durante os dias da festa), segregação sócio espacial (quem não tiver ingresso ou dinheiro para gastar nas

dependências da Vila Germânica –nome sugestivo- é visto pela repressão como suspeito e “bandido” em potencial). O aumento anual nos preços dos ingressos e das mercadorias vendidas no interior de cada pavilhão, além da lei que retira a gratuidade a quem for vestido com “traje típico” reforçam a mercantilização da festa e a necessidade de aumento dos lucros dos capitalistas que nela investem.

Além do que já foi relatado, temos durante o megaevento o reforço de práticas de discriminação sexual e racial, as quais expressam o caráter burguês, elitista e preconceituoso da maioria do público que vai ao evento. A todo o momento, ao se andar pelos pavilhões, as mulheres são assediadas, desrespeitadas e têm sua intimidade violada. O mesmo ocorre com gays e lésbicas, que são hostilizados e violentados por conta de sua orientação sexual. Já os negros, bem: eu sou testemunha de uma edição de 2002, na qual um colega meu foi barrado na entrada, pelo simples fato de ser negro.

O consumo de álcool é tão fomentado e aumenta tanto nesta época do ano, que há quem diga que beber cerveja faz parte da cultura local: é o reforço da mercantilização e erotização do conjunto das relações sociais, via fuga fantástica da realidade. O que faz da mulher uma mercadoria mais do que lucrativa, assassina e destrói famílias trabalhadoras o ano inteiro no mundo todo, aliena e despolitiza as classes e grupos sociais explorados e oprimidos ao redor do globo e com isso garante os lucros e privilégios dos donos do poder político e econômico, tanto no Vale do Itajaí quanto para além dele.

A quem interessa uma festa com tais características? Quais grupos e frações de classes sociais têm seus interesses efetivamente representados? Podemos responder, sem a menor sombra de dúvidas: à classe dominante e suas auxiliares. Estas e outras questões nos levam à inequívoca conclusão: tais megaeventos têm um efeito anestésico, na medida em que contribuem para o amortecimento das lutas de classes e dos demais conflitos sociais na região. É de interesse cada vez maior dos membros dessas classes um processo exitoso de contrarrevolução cultural preventiva, que continue a apresentar os interesses específicos de tais membros da sociedade como gerais, universalmente

válidos e “naturais”; quando em realidade se trata de relações sociais históricas, particulares e transitórias.

Este pequeno artigo é mais uma tentativa de resgatar o que é ocultado, sistematicamente, pelos exploradores e opressores locais: Blumenau é uma região eivada de contradições e somente a luta encarniçada dos trabalhadores explorados e produtores de riqueza pode fazer com que tal evento seja desmascarado. Este é a expressão de uma cultura capitalista, desumana e que não condiz com os valores, sentimentos e interesses de uma autêntica celebração. Tais valores, sentimentos e interesses verdadeiros restam evidentes quando do resgate e divulgação de uma cultura de contestação, do fomento às greves e ações autônomas dos trabalhadores, estudantes e demais grupos e classes sociais desprivilegiados. A festa real se dá no palco da luta cotidiana, contra nós mesmos e nossos algozes. Àqueles e àquelas que partem destes pressupostos, só resta lutar.

## Referências

NICOCELI BULL, Vanessa. *Hermann Blumenau: uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846-1884)*. Dissertação de mestrado. Curitiba: 2014. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historiapos/files/2013/09/Vanessa.pdf> Acesso em 23 de setembro de 2016.

RAMOS, Giovanni. *Blumenau, cidade das favelas*. Disponível em: <http://controversas.com/cotidiano/blumenau-cidade-das-favelas/> Acesso em 23 de setembro de 2016.

SOUZA, Nassau de. *Pequena História do Extermínio da Grande Nação Xokleng - Índios Brasileiros*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RsU2FkXUO8> Acesso em 23 de setembro de 2016.